



## O HUMOR COMO FERRAMENTA DE ATIVAÇÃO ATENCIONAL

**Resumo:** A atenção humana está sujeita à diversos estímulos distratores e a frequente demanda de direcionarmos nosso interesse à várias atividades simultâneas, e com isso, a atenção têm sido um problema que afeta crianças, jovens, adultos e idosos nos processos diários. Desta forma, o presente artigo parte da premissa em que as técnicas do humor, aplicadas no contexto do Stand-up conseguem manter maior tempo de atenção por parte da plateia por conta do interesse nas atividades prazerosas que o público vivencia, e agregar tais técnicas na utilização do discurso, direcionando a comédia e incorporá-las aos professores, se torna uma poderosa aliada no contexto de sala de aula ampliando a atenção e o prazer no processo de ensino-aprendizagem.

Descritores: Atenção, Humor, Psicologia.

### Humor as an attentional activation tool

**Abstract:** Human attention is subject to various distracting stimuli and the frequent demand to direct our interest to several simultaneous activities, and as a result, attention has been a problem that affects children, young people, adults and the elderly in daily processes. In this way, this article is based on the premise that humor techniques, applied in the context of Stand-up, can maintain greater attention span on the part of the audience due to the interest in the pleasurable activities that the public experiences, and add such techniques to The use of speech, directing comedy and incorporating it into teachers, becomes a powerful ally in the classroom context, increasing attention and pleasure in the teaching-learning process.

Descriptors: Attention, Humor, Psychology.

### El humor como herramienta de activación atencional

**Resumen:** La atención humana está sujeta a diversos estímulos distratores y a la demanda frecuente de dirigir nuestro interés a varias actividades simultáneas, y como resultado, la atención ha sido un problema que afecta a niños, jóvenes, adultos y ancianos en los procesos cotidianos. De esta manera, este artículo parte de la premisa de que las técnicas de humor, aplicadas en el contexto del Stand-up, pueden mantener una mayor capacidad de atención por parte de la audiencia debido al interés por las actividades placenteras que experimenta el público, y sumar Este tipo de técnicas El uso del habla, dirigiendo la comedia e incorporándola a los docentes, se convierte en un poderoso aliado en el contexto del aula, aumentando la atención y el placer en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Descritores: Atención, Humor, Psicología.

#### Henrique Larenas Faria

Mestre em Psicologia e Neuropsicólogo.  
Docente e Coordenador do Curso de  
Psicologia na Faculdade Estácio de  
Carapicuíba.

E-mail: [henriquelarenasfaria@gmail.com](mailto:henriquelarenasfaria@gmail.com)

#### Cleunice de Jesus Wosnes

Doutoranda em Psicologia e Neuropsicóloga.

E-mail: [cwosnes@terra.com.br](mailto:cwosnes@terra.com.br)

Submissão: 14/12/2023

Aprovação: 06/02/2024

Publicação: 22/02/2024



Como citar este artigo:

Faria HL, Wosnes CJ. O humor como ferramenta de ativação atencional. São Paulo: Rev Remecs. 2024; 9(15):55-67. DOI: <https://doi.org/10.24281/rremecs2024.9.15.5567>

## Introdução

Para iniciar nossa abordagem, é bom ressaltar que a capacidade humana de ter foco acaba sendo transformada com o tempo, bem como direcionada, reorientada e questionada ao longo dos anos. Quando se fala em concentração, é muito comum haver uma confusão entre esta e atenção, sendo que a atenção está ligada à visão, à percepção dos detalhes, já a concentração está ligada à permanência naquilo que está sendo feito.

Em uma visão panorâmica do nosso dia a dia, é possível perceber a quantidade exacerbada de intervenções sonoras e visuais que temos constantemente. Isso afeta o nível de atenção e concentração, que é reduzido de modo significativo em comparação a épocas anteriores. A concentração obtém características chamadas de continuidade e heterogeneidade, formando a linha de raciocínio em passado e presente, contribuindo também nas projeções para o futuro<sup>1</sup>.

Desta forma, a concentração e a focalização não precisam estar juntas para que haja retenção de informação, ao ponto que pode haver atenção sem que, necessariamente, o indivíduo esteja focado no objeto ativo de sua interlocução e, com isso, há também a situação em que, dentro da sala de aula, por exemplo, um aluno pode estar aparentemente focado naquilo que está sendo dito pelo professor, porém, pode estar sem prontidão (parado) para execuções<sup>2</sup>.

## Objetivo

### Objetivo principal

O presente trabalho visa encontrar, na comédia e em suas ferramentas aplicáveis no modelo Stand-up, ferramentas de ativação do processo neural da

atenção e, trazer a luz do entendimento teórico, a discussão para a aplicação no contexto didático de sala de aula para melhorar o processamento e o foco atencional.

### Objetivos secundários

Estabelecer as técnicas existentes do humor, e utilizá-las como fontes de possibilidade para fomentar a discussão sobre a melhor e mais adequada ferramenta para o ensino nos mais diversos preceitos e contextos acadêmicos.

Comparar a eficácia, à luz da teoria do humor e da atenção humana, com as possibilidades existentes diante da reflexão do uso da comédia no discurso.

## Material e Método

A argumentação teórica está disponível em artigos e livros publicados nas respectivas áreas, e com o foco da interação e integração de conteúdos acadêmicos predispostos por meios de editais, revistas e periódicos acadêmicos.

Através da presente bibliografia, e com a construção aprofundada dos conceitos predispostos, se faz um paralelo sobre as ferramentas apresentadas na comédia e a utilização destas práticas no modelo de ensino atual.

Vale destacar a importância da análise no retrospecto histórico-cultural do humor, definir regras e limites de aplicação destes conceitos, bem como, estabelecer quais técnicas podem ou não ser aplicáveis dentro deste conceito.

Desta forma, foram utilizados descritores como “o humor no ensino”, “comédia em sala de aula”, “a teoria do humor”, “humor no modelo de ensino aprendizagem”, “atenção e o riso”, “atenção em sala de aula” e “técnicas da didática do humor”. Todos os trabalhos analisados foram filtrados com suas reais

contribuições ao tema, optando por publicações de relevância e *Qualis* elevada, o que fez dificultar o filtro quanto ao marco temporal diminuído, por conta da falta de publicação sobre o tema de forma recente.

Desta forma, o filtro se manteve sobre a temática e a participação da proposta sobre as funções da atenção, do humor e as técnicas da didática desde 1947, com maior densidade a partir de 2010.

## Resultados e Discussão

Em uma revisão do modelo cognitivo, é importante notar que existem três componentes importantes do sistema atencional, conhecidos como *alerta, orientação e atenção executiva*<sup>3</sup>.

O componente de *alerta* refere-se à ativação do sistema nervoso central em relação aos estímulos internos e externos. Ele é responsável pelo processo atencional automático conhecido também como *foco atencional diante de estímulos*, como prestar atenção em uma aula, ler ou escrever.

A *orientação* está ligada ao córtex cerebral e às conexões com regiões dos lobos frontais, aos quais é atribuída a responsabilidade de realizar a atenção que demanda os movimentos oculares e manuais do ser humano. A *atenção executiva* é composta pelos processos atencionais controlados, os quais fazem a ligação com funções executivas, levando o sujeito à habilidade de mudança voluntária do foco atencional, assim como à manutenção do tônus atencional e à resolução de conflitos<sup>3</sup>.

A seleção de estímulos/eventos externos relevantes percebidos imediatamente indicam que a atenção, em primeiro lugar, é ativada por algum fenômeno perceptivo, ou seja, por meio de algum órgão do sentido para, em seguida, haver a escolha do estímulo. Logo, é possível considerar que a forma

como o estímulo se manifesta pode favorecer ou não a ativação e a seleção atencional.

Em uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul envolvendo crianças e adolescentes a fim de compreender aspectos da atenção relacionados à focalização e retenção de informação em sala de aula. Foi considerada a hipótese de haver uma irregularidade na conversação informal em grupo ou na forma como os professores pedem aos alunos que prestem atenção. Frases como: “olhem pra cá”, não garantem o direcionamento do foco e tão pouco a ativação da atenção visando a contribuir com a aprendizagem<sup>4</sup>.

A perspectiva da aprendizagem não implica apenas concentração. Esta seria então uma capacidade que se relaciona diretamente com a realização das tarefas, mas envolve outros processos. A necessidade da repetição, por exemplo, é uma condição para a aprendizagem, da mesma forma que pessoas com cognição mais elevada tendem a usar mais estratégias para captar os conteúdos.

Outro ponto importante a ser notado é que o desempenho da atenção está associado à concentração. Ou seja, quando se fala da falta de atenção, estamos nos referindo à dificuldade que a pessoa tende a apresentar para se manter atento em uma tarefa por períodos mais prolongados.

Sobre a perda da atenção concentrada, o sujeito passa por um processo chamado de *Duração*, em que as características de continuidade e diferenciação de sua atenção são conservadas, porém extraviadas pelo passado e presente. Assim sendo, pode-se produzir uma nova linha de raciocínio ou estabelecer novas relações que diferem daquilo que estava sendo tratado pelo enunciador<sup>1</sup>.

O termo *Duração* pode ser entendido como *Distração*, evento que tende a ocorrer com a maioria das pessoas. O autor também preconiza o termo *Detenção* para o momento em que a fixação do foco se estabelece e se sustenta por muito mais tempo. Vale considerar que a capacidade de atenção das pessoas é uma habilidade que pode ser desenvolvida como qualquer outra habilidade do ser humano<sup>4</sup>.

Contudo a maneira como olhamos para algo ou nos concentramos nele, tem um caráter histórico, e com isso podemos considerar novamente a hipótese de que a forma como o estímulo se apresenta pode contribuir ou não para a ativação da atenção<sup>2</sup>.

Assim, a existência de atenção e concentração no mundo contemporâneo acaba por ser diferente da atenção e concentração existente no passado, visto que os momentos são diferentes na história do desenvolvimento da humanidade. Desta forma, a atenção e a concentração, na atualidade, não podem ser comparadas ou vistas como melhores ou piores em relação a outros tempos históricos, mas entendidas como diferentes e peculiares ao seu tempo.

Considerando o avanço da tecnologia e os diferentes atrativos tecnológicos presentes na vida da criança, do adolescente e do jovem, pode-se observar que o momento atual exige um processamento mais acelerado, o qual nem sempre implica eficiência da atenção.

Os processos atencionais automáticos estão em sobreposição à velocidade de processamento mental, influenciando e sendo influenciados por ele. Com isso, pode-se considerar que frente a um acúmulo de estímulos, a atenção poderá sofrer impacto negativo, especialmente se a pessoa apresentar baixos recursos

de controle inibitório, o qual exerce papel preponderante no controle da impulsividade, o que favorece boas produções e garante que as informações sejam captadas com fidedignidade e em quantidade suficiente para gerar memórias<sup>5</sup>.

Considera-se que cada sujeito, ao interagir com o mesmo estímulo, acaba por absorver apenas uma parte daquilo que foi ofertado e, nesse processo, vale a observação de que ninguém retém a mesma quantidade de informação. A amplitude atencional, ou seja, quantidade de informação que cada sujeito absorve a partir do mesmo estímulo, no mesmo recorte de tempo, varia de pessoa para pessoa e depende dos processos básicos da percepção do estímulo.

Contudo, para que haja a referida captação do estímulo, é necessário o direcionamento do foco para o respectivo interesse, processo atencional chamado *atenção seletiva*. Como vem sendo mencionado, há uma gama de domínios envolvidos nos processos atencionais, cujas respectivas funções vão se encadeando e favorecendo a eficiência atencional<sup>5</sup>.

Cada processo ocorre em áreas específicas do encéfalo. A *atenção concentrada* ativa áreas da região de Wernick no cérebro, favorecendo a compreensão de qualquer informação. Já a *atenção seletiva* se relaciona mais com a memória, pois aquilo que é selecionado em um certo grau atencional irá pertencer, mais facilmente, ao grupo de estímulos absorvidos pela memória.

Vale observar que a *atenção concentrada* tende a ser a que mais se relaciona com a aprendizagem, visto que quanto mais eficiente for a concentração, maior poderá ser a quantidade de informação armazenada

na memória e, por consequência, maior será a taxa de aprendizagem do sujeito em questão. Há também outros dois processos atencionais envolvidos na aprendizagem chamados *atenção dividida* e *atenção alternada*<sup>5</sup>.

A *atenção dividida* consiste na capacidade de dividir a atenção entre um estímulo e outro, ao mesmo tempo, sem perder a qualidade da compreensão desses estímulos, tornando-se essa atenção parte do processo que é preponderante para a aprendizagem, pois o aluno em idade escolar precisa prestar atenção no professor enquanto escreve, manter a atenção em alguma informação que está sendo apresentada enquanto cria um raciocínio. Já a *atenção alternada* possibilita alternar o foco entre uma informação e outra, simultaneamente, visando a execuções de engajamento e desengajamento mental como, por exemplo, copiar um texto da lousa no caderno sem perder a qualidade pela interferência de distratores internos (pensamentos) e/ou externos (ambiente)<sup>5</sup>.

Como já mencionado, a quantidade de influências externas que recebemos todos os dias e a todo momento favorece a distração, e por conta disso, a concentração e a atenção enfrentam um desafio, o de manter eficiência diante da elevada quantidade de estímulos distratores externos que se fazem presentes cotidianamente<sup>6</sup>.

Atualmente, a concentração de uma pessoa se estabelece num tempo cada vez mais reduzido, daí o enorme desafio por parte de um ator para segurar sua plateia; de um professor para obter a atenção dos alunos e conduzi-los ao raciocínio; de um político para enunciar um discurso, ou de um cientista para explicar sua descoberta. Assim, têm sido cada vez mais

necessária ao enunciador a arte de encontrar alternativas para ampliar o tempo de atenção e de concentração do seu público<sup>4</sup>.

Nesta perspectiva, percebe-se que o humor tem sido uma estratégia cada vez mais utilizada por comunicadores para envolver os espectadores. O célebre filósofo da razão, Aristóteles, já mencionava o riso como algo natural do homem e favorável ao bem-estar. Pode-se entender que a referência a bem-estar também pode englobar o bom funcionamento cognitivo. Foi a partir de concepções de filósofos pós-socráticos, que se considerou o homem como não sendo apenas um animal que ri, mas também como o único animal que faz o outro rir<sup>1</sup>.

Desta forma, é possível pensar sobre a técnica do humor como um recurso para permanência da atenção, visto que além do riso causar uma notória concentração da plateia, a mantém focada no enunciador do discurso e, com isso, surge a ideia de atrelar a técnica utilizada em comédias stand-up como estratégia pedagógica em sala de aula, tanto no ensino básico, como no ensino em saúde.

No humor está a chave para entendermos os códigos culturais do passado e a verdadeira história. Cada geração passa por situações particulares que geram o humor e, com isso, o humor acaba se transformando e evoluindo junto com a sociedade<sup>7</sup>.

O Riso está incrustado na sociedade e nas suas mais diversas culturas desde os tempos mais remotos. Ainda na Grécia Antiga, Aristóteles teve contato com o estudo do termo *Geloion*, que equivale ao “ridículo” ou ao “cômico”. Algumas culturas inglesas apenas riam discretamente, condição que se diferencia da era atual em algumas partes das Américas, onde as

peessoas estão acostumadas a rir em alto e bom tom e/ou com gargalhadas<sup>8</sup>.

O riso em si passou de algo natural, na filosofia de Aristóteles, para um ato proibido durante a idade média, na época das filosofias patrísticas. Muitos religiosos defendiam a ideia de que Jesus, em suas parábolas, não levava o riso para ninguém, e aqueles que desejassem segui-lo não deveriam rir com piadas ou brincadeiras de humor. Santo Agostinho, conhecido como o precursor deste período da patrística, em sua “Instrução aos Catecúmenos”, deixou uma lógica ao direcionamento do riso social<sup>9</sup>.

Apenas durante o Renascimento, etapa seguinte ao período da idade média, é que o riso pôde voltar a ter espaço na sociedade e ser demonstrado em lugares públicos e nas diferentes condições sociais. O humor é uma atividade que está presente em todas as áreas da vida humana, sendo uma ferramenta do fazer rir, arma de denúncia e, em alguns casos, instrumento de equilíbrio social<sup>10</sup>.

Se considerada a concepção de que o humor não é apenas algo para fazer rir, mas também uma ferramenta “séria” e de uso importante para a comunicação, será possível encontrar no humor ferramentas para uma nova integração dos conteúdos e fomentação das ideias.

*“Quanto mais coisa para desmitificar, quanto mais verdade escondida, quanto mais equilíbrio desmontável, maior seu campo de ação, maior a sua presença, maior a necessidade do seu consumo”<sup>11</sup>.*

Isso nos traz um questionamento sobre o humor que nos leva a pensar sobre “o que é engraçado” ou, nos termos atuais, “qual o limite do humor”<sup>12</sup>. As pesquisas aprofundadas sobre o tema geram interesse de profissionais como psicólogos, sociólogos,

antropólogos, linguistas e comediantes, mas dada a subjetividade do tema a medida da referida variável acaba sendo um desafio.

Cada área do conhecimento que estuda o assunto acaba por ter de levar o humor de uma forma singular, apesar de “o humor existir desde que o animal risível tem memória”<sup>13</sup>. Ainda na pré-história, o humor já fazia parte do mundo humano, mesmo nos desenhos rupestres eram apresentados alguns homens com cabeça de gazela que, segundo os estudiosos do assunto, isso sugere a covardia de seus inimigos representada pela sátira do desenhista<sup>14</sup>.

A apresenta a concepção de que o humor, entre todas as suas funções, traz elementos importantes que estimulam certos papéis na sociedade como o ataque à censura, ao controle social e a padrões escondidos de maneira repressora<sup>10</sup>.

Quando se chega à época das grandes revoluções industriais e das novas pesquisas científicas, surge uma visão psicológica do humor e, com isso, a história conduz ao criador da teoria da psicanálise, o qual descreve o humor como um enfrentamento à censura e à repressão<sup>15</sup>. Considera que a formulação do humor está sujeita ao contexto social, à situação do emissor, que ele chama de humorista, e de seus espectadores.

Como boa parte da teoria psicanalítica está ligada à busca da satisfação da libido e do prazer, o humor, a partir do que ele chama de chiste ou brincadeira, não seria diferente, sendo visto como uma ferramenta para sondar o que é reprimido e velado. Neste pensamento, se observa o conceito do humor como fenômeno social, podendo ser usado tanto como artifício de se falar sobre o proibido como de se expressar o desejo inconsciente<sup>15</sup>.

O humor é uma transposição para o cômico daquilo que não é moralmente aceito ou é socialmente grave. Porém, se fosse isolado o objeto do humor, trazendo-o para um âmbito de indiferença respaldado pela moral, este mesmo humor poderia ser transformado em discurso de ódio ou de luta<sup>1</sup>.

Para o autor, o cômico é quando se traz a lógica do absurdo, pois, segundo ele, o riso acontece quando se perde o ritmo do lógico e é finalizada a trama em um evento absurdo e não esperado.

Assim, é possível perceber na história do humor que, embora existam diferenças sobre sua utilização em cada época da evolução humana, ele sempre esteve presente, tanto no entretenimento e nas conversas sociais quanto na abordagem crítica.

O propósito deste texto é analisar possibilidades do humor como uma ferramenta favorável para o riso, e o riso como um ativador de processos mais elementares da produção humana. Para isso, considera-se importante mencionar que não é possível definir o riso como o humor propriamente dito, mas como ferramenta que leva ao riso ou é o mecanismo para o riso. Porém, o humor, quando alcançado, não objetiva unicamente o riso, mas adentra para o âmbito do questionamento, do encarar os preconceitos, do revelar o que a sociedade encobre<sup>10</sup>.

Existem três formas diferentes para se alcançar o humor: a repetição dos fatores, o devido entendimento do sujeito protagonista e, por fim, a inversão do esperado, ou a interferência recíproca de séries que mostram situações confusas e fora de ordem para o sujeito. São estratégias do humor que representam a rotina das pessoas, gerando identificação<sup>1</sup>.

A repetição contínua dos quadros de personagens atuais na televisão, com bordões repetitivos para finalizar suas cenas se dá neste processo, assim, o humor também pode acontecer por meio da crônica dos fatos e da repetição<sup>14</sup>.

Além destas técnicas, a piada pode ser uma estratégia bastante assertiva para alcançar o humor. Porém, para falar de piadas, considera-se necessário que haja um foco para o humor, podendo ser uma arma sutil para abordar o mal dentro das pessoas.

A piada pode também estar inserida nesse formato de ataque e crítica. Uma piada, independentemente de sua origem ou local de atuação, deve estar dentro de um sistema contendo *Setup* e *Punchline*. O *Setup* é o que viabiliza o entendimento posterior do *Punch*, ou seja, é aquilo que se diz, antes de contar a piada propriamente dita, para que seja possível o riso através deste humor. Seria uma contextualização do assunto, ou explicação prévia da piada<sup>16</sup>.

*Punchline* ou *Punch* é o que provoca o riso esperado pelo humor, podendo ser utilizado com linguagem ou gestual, devendo ser claro e objetivo. Para que o *Punch* funcione, é necessário ter todas as informações necessárias no *Setup*.

O *setup* é o momento de preparação do conteúdo da piada, enquanto o *Punchline* é o momento da piada em si, que só acontece porque o *Setup* proporcionou um bom entendimento e entrosamento do tema. Imagina-se uma pessoa andando na rua que, ao olhar uma placa do outro lado da calçada, não percebe que há uma outra pessoa agachada, amarrando os sapatos. Aquela que se distraiu tropeça naquela que está parada, gerando uma situação embaraçosa<sup>16</sup>.

Essa situação, cômica por um lado e estressante por outro, é um perfeito entendimento de que a comicidade é apenas um ponto de vista. Vendo de fora, o espectador estava familiarizado com a distração do primeiro sujeito (momento do *setup*), porém, vendo do ângulo da pessoa que apenas abaixou para amarrar o cadarço, pode não só ser constrangedor, mas também enfurecedor.

O efeito do humor depende do momento, da circunstância e da plateia. O sujeito ativo do discurso precisa estar em sintonia com o espectador. Enquanto a pessoa andava distraída (*setup*) o ato de trombar com alguém agachado torna este momento cômico (*Punchline*).

Para ilustrar, segue uma piada contada pelo próprio humorista Léo Lins (2016) em sua explicação: “Não sei por que chamam bandidos de preguiçosos. Não acho nada preguiçoso quem consegue subir o morro com uma televisão nas costas”<sup>16</sup>.

Neste caso, a primeira frase “Não sei por que chamam bandidos de preguiçosos”, é o *setup* da piada, pois contextualizará o que virá depois. Se houver a segunda parte da piada sem a primeira, como uma pessoa dizendo apenas “Não acho nada preguiçoso quem consegue subir o morro com uma televisão nas costas,” sem contexto, pode ser algo perdido e sem a devida significância humorística.

Da mesma forma que se for dito ao contrário, “Não acho nada preguiçoso quem consegue subir o morro com uma televisão nas costas, então não sei por que chamam bandidos de preguiçosos” não oferece o mesmo tom cômico. Assim sendo, *Setup* e *Punchline* devem andar juntos e se complementando, de maneira a estabelecer a ideia central do humor.

Quando um dos dois não está presente, a proposta do humor se perde.

Qualquer tema e qualquer assunto são pertinentes para se criar esses dois fatores, basta apenas, observar as coisas ao redor e pensar sobre o que pode ser dito em um determinado contexto. O necessário é analisar cada assunto e estabelecer uma relação entre algo inesperado com algo esperado.

Há sempre de se contextualizar o ouvinte para que ele possa acompanhar a piada. Feito isso, o humor cumpre a sua proposta e se torna funcional. A partir do momento em que o discurso, independentemente do assunto, é imbuído de uma supervisão analítica, consegue obter um novo olhar sobre o mesmo objeto de estudo e, com isso, traz novos aspectos para aquilo que já era fixado ou datado como rotineiro ou imutável.

Quando é observada a indagação sobre o limite do humor, há de se destacar que a piada de um grupo faz alusão à dor de outro grupo<sup>1</sup>. Considera-se importante que o conteúdo da piada seja adequado ao público ouvinte e os cuidados com os direitos humanos devem ser soberanos para a conquista do humor saudável.

A relação do humor com a linguística e afirma que muito do que se observa quanto à utilização desta na comédia está dentro dos jogos de palavras como sinônimos, trava-línguas e trocadilhos<sup>12</sup>. Porém, quando analisada a fundo a real inserção do estudo linguístico em relação ao humor, pode-se atribuir a devida importância da semântica e da pragmática, trazendo a indução, dedução, pressuposições, implicações, ato falho (termo usado na psicanálise freudiana em 1905), inferências e estratégias conversacionais como atos de humor.

Quanto ao questionamento sobre o que de fato é engraçado, o que causa o riso, ou qual a melhor estratégia para se alcançar o humor, se deve trazer o humor verbal na confecção de um texto com diversas propriedades linguísticas destinado a um público-alvo<sup>12</sup>.

A cacofonia, é um artifício bastante utilizado no humor, com fomentação linguística para se estruturar suas contribuições. Um texto humorístico não agrada a todos, visto que, como observado, o humor pode causar riso desde que seja direcionado, caso contrário, pode ter como consequência revolta do público em relação ao enunciador<sup>12</sup>.

Portanto, respondendo à questão anterior, o limite do humor está condicionado à referência que se possui. Um tom de comicidade pode ser criado ou destruído frente àqueles que escutam.

Uma piada, um chiste, uma estrutura cômica podem ser extremamente aceitáveis frente a um público ou podem ser completamente ofensivos diante de uma outra plateia ou realidade. A questão chave do humor não é o assunto ou a estrutura da piada utilizada, mas o público receptor, fazendo-se necessário estruturar os propósitos desse humor.

Considerando tudo o que foi falado sobre o humor e o associando ao melhor desempenho da atenção e concentração, pode-se aventar a possibilidade de que o humor em um contexto de sala de aula, tanto para ensino básico, quanto ao ensino em saúde pode auxiliar a ampliação do foco, uma vez que mesmo os alunos com dificuldades atencionais tendem a ampliar performance quando estão diante de contextos mais descontraídos. Seria interessante que o docente, neste contexto de sala de aula,

pudesse utilizar a ferramenta, agregando-a ao conteúdo da disciplina.

Há de se considerar a possibilidade de haver dificuldade na elaboração de uma piada contendo *Setup* e *Punchline* por parte dos professores que venham a ter a intenção de contar com o humor como ferramenta, o que exigiria treinamento. Importante lembrar que ser engraçado não define o bom professor, nem é característica necessária à sua atuação. O humor aparece como mais uma ferramenta possível para melhorar a empatia na comunicação.

O *Setup*, portanto, é o conteúdo da aula em si, que deve ser explicado de maneira rápida e objetiva, passando a segmentar o conteúdo em intervalos de 03 a 05 minutos cada, e a cada parte deste conteúdo, entrelaçar um *Punchline* diferente, para que haja a quebra da densidade do assunto, tornando o discurso mais palatável para o corpo discente.

O *Punchline*, por sua vez, poderá se apresentar de diferentes formas nessa proposta, como a ridicularização de algum fato, ou algum objetivo, a inversão dos valores, a cacofonia, a crônica, usando como alvo algum autor que roteiriza a matéria, um exemplo real e cômico que possa ilustrar o conteúdo, ou até mesmo o próprio professor.

Por meio de uma análise sobre os estudos do humor e a média de atenção retida, é interessante observar o fato de que se sobrepõe à utilização do humor no discurso a dificuldade em se escrever o roteiro ou criar o momento do humor, trazendo-o como elemento de relação ao que está sendo explicado ou pronunciado pelo enunciador.

Desta forma, vê-se que um pesquisador que descobriu algo novo e quer utilizar o humor em seu

discurso de anunciação, teria que dedicar um tempo a mais para escrever e preparar seu discurso. Em alguns casos, tal demanda de tempo pode ser vista como um impedimento, ou algo que não é vantajoso para o enunciador, que deixará de se preocupar com o mais importante de sua proposta para dedicar-se a escrever um discurso com humor.

Tal problemática é levantada e considerada como uma dificuldade de se propagar a utilização da técnica, porém, apesar disso, aos olhos de um público-alvo específico, a ferramenta não perde sua utilidade e nem sua importância.

Porém, assim como apresentadas as dificuldades por parte de alguns indivíduos ao final do processo, é importante ressaltar que esse recurso por meio do qual poderá ser comunicada uma descoberta relevante é quase tão importante quanto a própria descoberta em si.

Para facilitar tal relação entre orador, discurso e plateia, alguns estudos que sugerem que além da importância de roteirizar o que será falado, que sejam considerados dados estatísticos comprovados para a boa funcionalização do discurso<sup>17</sup>. Assim sendo, valem como boas práticas discursivas: exemplos reais e práticos; citações de pensadores, escritores, especialistas do tema e dados estatísticos para comprovar o que se é falado.

É importante notar trabalhos sobre a linguística do humor<sup>18</sup> e a análise das técnicas com a resposta do público diante dos argumentos utilizados e as técnicas a utilização destas técnicas com o público adulto<sup>19</sup> e a análise dos limites das técnicas de comédia aplicadas diretamente em sala de aula. Vale ressaltar a importância de “estudar” seu discurso antes de realizá-lo. Trata-se de uma boa forma de se predispor

ao que irá acontecer. Isso fornece novas ferramentas para trabalhar o seu enunciado<sup>20</sup>.

Nota-se a melhora da atenção e da concentração da plateia frente ao discurso imbuído da técnica do humor *Setup* e *Punchline*. Acredita-se que por meio da técnica apresentada, relacionando-a ao discurso do professor em sala de aula, pode-se despertar o entendimento dos estudantes, facilitando seu desenvolvimento e agregando significados positivos para a aprendizagem.

O humor é um meio para facilitar o fim, não uma ferramenta pela qual se conseguirá o objetivo final, principalmente sem o esforço do enunciador. O humor, além de ter uma função de entreter, garante maior atenção do público-alvo. Para que isso ocorra, o autor do discurso deve estar em constante atualização dos assuntos da contemporaneidade para atrelá-los ao humor. Outro ponto importante a ser considerado é sobre se apropriar da situação e do contexto social atual. Ao analisar cada situação ou propor uma nova ideia, se constrói uma nova lógica do raciocínio e se tem ampla visão dos acontecimentos, tornando-se mais possível a inclusão do ouvinte no processo<sup>6</sup>. Esta referência fica a cargo do momento do *Setup*, enquanto a incongruência da ação fica como função do momento do *Punchline*<sup>21</sup>.

O professor pode, então, preparar sua aula com temas humorísticos antes do seu conteúdo em si. Levar suas piadas e momentos que provocarão o riso bem fomentados com o *Setup*, recheados de conteúdo da matéria para que o aluno absorva de maneira adequada e que, enfim, o *Punchline* seja proveitoso, ao ponto de que o riso seja possível pelo perfeito entendimento do *Setup*, ou seja, do conteúdo.

No dado momento em que não houver dedicação para a formatação de um contexto como *setup* e a preparação anterior de um *Punchline*, a ação pelo imprevisto pode acarretar problemas como falhas que resultam no fracasso do discurso e na perda de foco do próprio professor, principalmente quando a técnica não é bem dominada. Desta forma, a preparação prévia do discurso deve ser levada com rigor e profissionalismo, trazendo sempre o objetivo que é o conteúdo do discurso, seguido de um momento que provoque o riso ou que, ao menos, se estabeleça a conexão com o humor, o que ocasiona, não só a produção de determinados hormônios no cérebro, quanto também, a melhor atenção do público<sup>13</sup>.

Para os comunicadores, em especial os de massa, como os professores, faz-se necessário o contínuo aperfeiçoamento linguístico, bem como o domínio das palavras, a fim de, continuamente, poder construir boas referências para o *Setup* e *Punchline* adequados para os seus discursos<sup>22</sup>.

Percebe-se que quando o alvo da sátira é o próprio autor do discurso, diminui-se muito o índice de rejeição do humor e, nos casos em que se é necessária a manutenção do pensamento e raciocínio, usar o discurso como crítica do próprio discurso tende a ser uma excelente estratégia<sup>19</sup>.

Atacar uma ideia, um pensamento, ou até costumes antigos, que não estão mais presentes na sociedade, sempre levando em conta o público que está ouvindo para que não haja o risco de muitas rejeições, ou que se crie situações em que o foco se perca no debate sobre a piada em si, também tende a ser eficiente<sup>22</sup>.

Espera-se que em discurso acadêmico os ouvintes mantenham sua atenção por um tempo limitado, até

que se perca o interesse pela explanação do professor<sup>4</sup>. Porém, se a cada novo tópico devidamente estruturado no momento do *Setup*, o professor conseguir construir um *Punchline* sobre o mesmo tema, o aluno ampliará o envolvimento com o assunto em questão e, por consequência, poderá ficar mais tempo concentrado no assunto<sup>20</sup>.

## Conclusão

Quando é possível unir humor e didática, ressalta-se que quaisquer piadas, chistes, trava-língua ou artifício para este fim, durante a transmissão da disciplina, devem estar envolvidos no mesmo tema, pois através da fixação e retenção do tema relacionados ao humor, tornar-se-á mais facilmente aceita essa técnica pelo aluno e, por consequência, poderá haver melhor aproveitamento do processo e permanência de foco para emissor e receptor.

Portanto, é possível trazer o momento do *Setup* do discurso durante toda a construção de ideias, com tais estatísticas e testemunhos, para então se utilizar, no mínimo, de três analogias para cada tema, como o momento de *Punch*.

Trazendo o humor para o discurso público sem perder sua essência, que foi construída durante o momento do *Punch*, com todas as informações necessárias para um bom desempenho do humor.

O professor pode elaborar o tema de seu enunciado e, a partir da preparação prévia, dividir todos os conceitos em momentos de *setup* seguidos de *Punchline*. Pode utilizar outros discursos ou referências sociais como artifício para a boa formação da sua linha de raciocínio e a devida construção do humor. Mesmo que os momentos do *Punch* acabem atrasando o conteúdo da aula, o ganho com a fixação do conteúdo pelo aluno será mais amplo.

O humor, unido ao discurso, possibilitará entreter, informar, educar, questionar, elucubrar, devanear e trazer um amparo social às relações formais. Assim, o humor não é só um instrumento favorável ao discurso, mas também uma ferramenta que deve ser utilizada dentro dos conceitos de referência do público-alvo, desde que haja adequação constante de sua estrutura a cada aplicação.

O humor não é a piada em si, mas a piada faz parte do humor. É o momento mais importante do humor enquanto ação ativa de entretenimento, fuga da realidade, ou qualquer atividade humorística, pois é no momento da piada que se transformam as coisas ditas e não ditas ou qualquer ação corporal em uma ação humorística.

Para isso, vale utilizar o humor como uma ferramenta do discurso, trazendo essas técnicas como um artifício para aumentar o tempo da concentração e da atenção dos receptores.

Um professor pode utilizar essas técnicas e, a cada parte da matéria, apontar um novo *Punchline*; um empresário, estando em uma reunião, também pode se utilizar desse mesmo método e trazer o humor como recurso nos discursos, favorecendo a integração de sua equipe; um palestrante pode utilizar essas técnicas para facilitar a imersão em sua teoria.

Ao ser analisada a relação entre discurso, enunciador e receptor, o humor é uma poderosa ferramenta para fomentar a afinidade da plateia ao orador.

Desta forma, o enunciador deve utilizar o momento do *Setup* para passar todas as informações que precisam ser passadas de seu conteúdo. E o momento do *Punchline* pode ser uma situação controversa ao conteúdo passado, ou um subtema

que estava implícito por todo o conteúdo, como uma palavra sinônima, uma cacofonia ou um homônimo.

Na medida em que o humor passa a ser utilizado com mais frequência, a plateia, por assim dizer, tende a sentir-se cada vez mais próxima do enunciador e, com isso, tende a confundir algumas questões de entendimento social. Quando isso ocorrer, vale identificar a necessidade do reforçamento das regras sociais estabelecidas para sustentar os papéis de professor-aluno.

Por meio do humor se consegue ampliar o tempo de atenção e concentração por parte da plateia, bem como aumentar a empatia do falante com os ouvintes, podendo também favorecer a interação grupal, no caso do contexto escolar. Assim, nesta relação, o humor tende a auxiliar não somente o discurso em si, mas melhorar as relações, facilitar a comunicação e revelar ideias novas contidas neste mesmo discurso.

Por meio desta abordagem, e com os estudos da Neuropsicologia aplicada através das ativações neurais envolvidas no processo atencional e respondentes ao estímulo do humor, é possível conseguir aumentar a atenção nos processos de comunicação com a utilização correta das técnicas, como por exemplo, no caso de corpo discente dentro da sala de aula, favorecendo a receptividade no processo de aprendizagem dos conteúdos nas diferentes matérias.

## Referências

1. Bergson H. O Riso, Ensaio do Significado da comunicação. São Paulo: Grupo Editorial Record. 1947.
2. Kastrup V. A aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva. São Paulo: Psicologia & Sociedade. 2004.

3. Posner M. Imaging attention networks. *Neuroimage*. 2012. Disponível em: <10.1016/j.neuroimage.2011.12.040>.
4. Nardim H, Orgler R. Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem. São Paulo: Psicologia e Sociedade. 2007.
5. Fuentes D, Malloy-Diniz L, Camargo C, Consenza R (Orgs.). *Neuropsicologia. Teoria e Prática*: Ed. Artmed. 2014; 2ªEd: 133-135.
6. Foucault M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense. 1986.
7. Bremmer J. *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record. 2000.
8. Flores E. *A história deixou de ser agelasta?* São Paulo: Ed Saeculum. 2003.
9. Medeiros M. *A instrução pelo riso em Santo Agostinho*. Maringá: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2010.
10. Travaglia L. Uma introdução aos estudos de humor pela linguística. v.6. São Paulo: Rev Delta. 1990.
11. Ziraldo A. Ninguém entende de humor. *Rev Vozes de Cultura*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1970.
12. Raskin V. *A interdisciplinaridade da pesquisa do humor*. Amsterdam: Rev Semiótica. 1987.
13. Jerkovic J. Duas ou três coisas que eu sei do humor. *Rev Vozes de Cultura*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1970.
14. Pino W. *Humor, um enfoque psicológico*. Rev de Cultura. Petrópolis: Ed. Vozes. 1970.
15. Freud S. Os chistes e a sua relação com o Inconsciente. In. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 8. São Paulo: Ed. Imago. 1905.
16. Lins L. *Os segredos da Comédia Stand-Up*. São Paulo: Panda Books. 2014.
17. Carnegie D. *Como Falar em Público e Influenciar Pessoas no mundo dos Negócios*. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record. 2010.
18. Possenti S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Ed. Contexto. 2010; 183.
19. Abubakar F. *O uso do humor no ensino e aprendizagem no ensino superior*. Dunedin-Nova Zelândia: University of Otago, 2018. Disponível em: <<https://ourarchive.otago.ac.nz/handle/10523/8238>>. Acesso em 5 abr 2022.
20. Engrácio H. *O humor na educação*. Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia: Lisboa: Universidade Aberta. 2008.
21. Tagnini S. *O humor como quebra da convencionalidade*. São Paulo: Revista Brasileira de Linguística Aplicada. 2005.
22. Krumm S, Schmidt-Atzert L, Eschert S. Investigating the structure of attention: How do test characteristics of paper-pencil sustained attention tests influence their relationship with other attention tests? *Alemanha: University of Marburg*. 2008; 108-116.